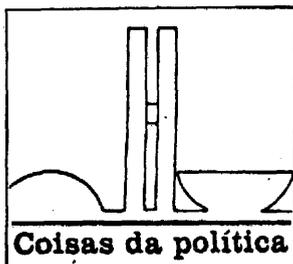


Villas-Bôas Corrêas

**N**ÃO se fala em outra coisa. A popularidade do Presidente José Sarney, disparando como foguete e alcançando as alturas consideráveis dos 59% na última medição conhecida, é o fato político mais importante da temporada.



Coisas da política

Não é apenas o Presidente que está saindo do sufoco e pode respirar aliviado, afrouxando as cordas esticadas da tensão interior. Mas o Governo reencontra a sua estabilidade, temerariamente ameaçada com a rebelião do Congresso, a crise demencial dos partidos que estão queimando as suas lideranças e enxovalhando a mística das legendas, com a agravante do erro primário, mas inevitável nas circunstâncias, da realização de eleições municipais este ano, com o pluripartidarismo de porteiras escancaradas e, por mal dos pecados, sem a exigência da maioria absoluta.

Ora, muitos custam a acreditar no fenômeno da aceitação nacional do Presidente Sarney e, em vez de tentar entendê-lo, mergulhando nas águas límpidas da análise, jogam areia nos próprios olhos e negam a sua significação.

No entanto, nada parece mais fácil de identificar do que essa revivolta que desanuvia os horizontes toldados por tantas apreensões. Sarney, antes de mais nada, está jogando habilmente com os truques do contraste. É só abrir os jornais, ligar a TV, escutar o rádio. Por que todo o santo dia época mais um escândalo da safra portentosa dos seis anos de João, O Inesquecível. Ainda ontem, a comissão das mordomias expôs as chagas da vergonha inconcebível a que se rebaixara a administração pública, transformada numa pocilga onde chafurdavam os gordos privilegiados que se locupletavam com todas as mais extravagantes vantagens. É a tal coisa. Num Governo em que o Presidente leva uma vidoca de sultão, não fazendo nada e roendo o queijo dos luxos orientais da Granja do Torto, é absolutamente natural e inevitável que toda a hierarquia arranque os seus nacos e que cada um se defenda como puder.

Diz-se que a memória do povo é curta e muitas vezes parece que ele esquece as coisas muito depressa. Vai-se ver e sempre se encontra uma explicação.

Agora, entretanto, o povo não esqueceu e está atento, numa vigilância de quem pressente que é a sua vitória que está em causa. Pois o Presidente Sarney vem mantendo uma compostura pessoal irrepreensível — que não é só sua mas de sua admirável família. Ele já conseguiu passar para a opinião pública a evidência de que está dando tudo o que tem e pode, até os limites extremos da saúde.

Se o risco da popularidade traça a diferença entre um período de descaso, omissão, incompetência e roubalheira com os 120 dias de dedicação

integral, do Palácio do Planalto de portas abertas, não é só por aí que se desenha o mapa da mina.

Creio que há uma outra linha de interpretação que deve ser buscada no reconhecimento dramático da ausência de lideranças nacionais. A morte do Presidente Tancredo Neves representou uma tragédia de dimensões que podem ser superficialmente avaliadas com a leitura do discurso que preparara para a solenidade de posse. Ali está todo um roteiro de recuperação nacional, definido por mão de estadista plenamente consciente da missão que o destino depositara em cima dos seus ombros, com o peso esmagador de um país em ruínas e a ruidosa expectativa das esperanças das multidões que voltaram às ruas e se reuniram nos maiores comícios da nossa história política.

O povo pegou nas pontas da sua sensibilidade que toda a sua mobilização estava ameaçada. E caiu numa defensiva apreensiva. Mas, aos primeiros sinais de que o Presidente José Sarney assumira os compromissos da sua vitória e optara por um Governo popular, estabeleceu-se uma comunicação instantânea e direta.

O vazio não é a regra nem a melhor alternativa. Ao contrário, o vácuo dá medo, é prenúncio de crise.

A liderança pessoal do Presidente José Sarney certamente que não é e nem pode ser consistente mas uma camada fina de verniz que está cobrindo o oco do País que perdeu o seu líder na hora festiva da vitória. Ela se equilibra numa aceitação desconfiada mas de inspiração generosa. O povo está aplaudindo o Presidente com calor mas sem o entusiasmo só tributado aos líderes de sólido carisma e uma profunda vinculação com as causas nacionais.

Mas, depois de Sarney, quem é a grande liderança política nacional? Certamente que há nomes na magra lista dos sobreviventes dos 21 anos de marginalização da classe política: o Ministro Aureliano Chaves, o Ministro Marco Maciel, o Governador Leonel Brizola e alguns outros. Nenhum com uma inquestionável presença nacional.

A inexistência de uma liderança fora do Governo e a aceitação gradual de Sarney fornecem as chaves para explicar a indiferença que esfriou a tentativa do Governador Brizola de antecipar as eleições presidenciais diretas para 86, simultaneamente com a eleição para a Constituinte e de governadores. Nenhuma tese empolga o país e movimenta o povo sem a clara indicação do seu objetivo. A campanha das diretas pegou como tiririca porque o povo entendeu que o voto era o seu instrumento para colocar um ponto final no ciclo revolucionário. Tanto que o mesmo povo aceitou sem reservas a utilização do Colégio Eleitoral para eleger Tancredo e varrer a sujeira.

Eleições em 86 para eleger a quem? Sem candidato, é inútil tentar engambelar o povo com potocas. Sarney com a sua cota de popularidade, está consolidando o regime. E ganhando, de lambuja, o prêmio de quatro anos de mandato. Pelo menos, por enquanto.